

ID: 116066228

11-03-2025



Francisco Simões
Investigador Auxiliar ISCTE

A guerra pela atenção

Num episódio recente do podcast da Radio Atlantic intitulado *The War for Your Attention* (A Guerra pela sua Atenção), a anfitriã Hanna Rosin conversou com o jornalista Chris Hayes do canal MSNBC sobre como as tecnologias e os dispositivos modernos são concebidos para captar e mercantilizar a atenção humana. Hayes investigou os mecanismos através dos quais as empresas exploram os nossos impulsos biológicos, conduzindo a uma luta contínua pela nossa atenção na vida quotidiana. Fazendo um paralelo com as teorias marxistas da alienação do trabalho, Hayes sugere que a tecnologia aliena agora os indivíduos da sua própria capacidade de manter o foco, um fenómeno que designa por “capitalismo da atenção”. Este conceito é aprofundado no seu livro *The Sirens' Call: Como a atenção se tornou o recurso mais ameaçado do mundo*.

A discussão distingue dois tipos de atenção: involuntária (forçada) e voluntária. A atenção involuntária é uma

resposta automática a estímulos, como ruídos altos ou luzes intermitentes, profundamente ligada aos instintos de sobrevivência. A atenção voluntária, por outro lado, envolve uma concentração consciente, como ler um livro ou participar numa conversa. Hayes sublinha que as tecnologias modernas desviam cada vez mais a nossa atenção involuntária através de notificações e alertas, perturbando a nossa capacidade de manter a atenção voluntária. Este bombardeamento constante leva a um profundo sentimento de alienação, uma vez que os indivíduos sentem uma perda de controlo sobre os seus próprios pensamentos e concentração.

É por lá, enquanto nos distraem, que as decisões realmente importantes vão sendo tomadas.

Hayes também aborda as implicações sociais desta economia da aten-

ção, referindo que a democratização das plataformas permite a qualquer pessoa procurar a atenção social de estranhos, um fenómeno anteriormente limitado às celebridades. Esta mudança conduziu a uma cultura em que os indivíduos são levados a impressionar audiências desconhecidas, muitas vezes à custa de ligações humanas genuínas. A procura de validação online torna-se um comportamento compulsivo, mas não satisfaz o nosso desejo inerente de criar laços sociais reais.

Para contrariar os aspetos negativos do capitalismo da atenção, Hayes defende a criação de espaços digitais não comerciais e o desenvolvimento de mecanismos de compromisso que incentivem a atenção voluntária. Os exemplos incluem o ressurgimento dos discos de vinil, que exigem que os ouvintes se dediquem a um álbum inteiro, e a popularidade de boletins informativos de formato longo que promovem uma leitura aprofundada. Estas alternativas oferecem formas de recuperar o controlo sobre a nossa atenção e de promover interações

mais significativas na era digital.

A exploração de Hayes não será original ou surpreendente, mas a sua reflexão ajuda a elucidar sobre como a nossa interpretação de factos é capturada e manipulada diariamente. A sua análise é particularmente útil num tempo em que a realidade internacional se aproxima de ruturas, movidas por informação ao minuto, contraditória e crescentemente ameaçadora, e auxiliadas pelo desvario do *reality show*, baseado no conflito permanente, na intriga e na humilhação alheia. O resultado não é o que parece. Sim, talvez o desastre esteja iminente. Basta um descuido. Mas importa usar melhor a atenção, não congelar perante o impensável e persistir – se não mesmo resistir – por muito que nos repugnem certos espetáculos degradantes na Sala Oval. Só assim evitaremos a sensação de caos pretendida por quem assim comunica para nos concentrarmos no que ocorre em segundo plano. É por lá, enquanto nos distraem, que as decisões realmente importantes vão sendo tomadas. ■